

DESCOLONIZANDO A BELEZA: SABERES DO CORPO NEGRO E RESISTÊNCIA ESTÉTICA NO BRASIL.

Autor: Gilmar Ribeiro Pereira¹

Instituto Federal De Mato Grosso Do Sul - IFMS

<http://lattes.cnpq.br/2675094482636415>

gilmarribeiroperreira53@gmail.br

Resumo

O presente texto “descolonizando a beleza: saberes do corpo negro e resistência estética no Brasil”, destacando as desigualdades sociais e étnico-raciais que historicamente marginalizaram povos originários e afrodescendentes no Brasil. A população negra, que representa 53% da população brasileira, enfrenta o racismo estrutural, que impõe padrões estéticos eurocêntricos, desvalorizando suas identidades e culturas. Através de citações teóricas como (Gomes 2017, Braga 2021, Deleuze 1974, Mota Neto 2016 e Foucault 1987), pois são autores que procuram quebrar as formas hegemônicas do saber/poder global, ou seja, tratando que questões genealógicas e decoloniais. O texto ainda explora como o corpo negro foi subjugado, objetificado e associado a estereótipos pejorativos, como o exótico/erótico, reforçando hierarquias raciais. O objetivo central é denunciar o apagamento histórico e cultural sofrido por negros e indígenas, além de refletir sobre a resistência e ressignificação da beleza negra. Movimentos sociais e políticas afirmativas têm promovido visibilidade e valorização da identidade negra, como exemplificado pelo projeto "Beleza Negra" no IFMS/campus Três lagoas-MS., no entanto, persistem desafios, como a folclorização do corpo negro e a reprodução de mitos da democracia racial. Por fim, enfatiza a necessidade de descolonizar os padrões estéticos e promover o respeito às diferenças, reconhecendo a diversidade étnico-racial como fundamental para a superação do racismo. O texto defende uma estética emancipatória, que valorize a negritude e as culturas afro-brasileiras e africana, caminhando para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Palavras-chave: Corpo negro; estética decolonial; racismo estrutural; resistência cultural; educação antirracista.

Introdução

A construção dos saberes estético-corpóreos está intrinsecamente ligada a processos históricos de poder, dominação e resistência, que moldaram as percepções sobre o corpo negro no contexto brasileiro. Partindo de uma perspectiva crítica, este trabalho examina como as estruturas coloniais e escravocratas perpetuaram desigualdades étnico-raciais, impondo padrões estéticos eurocêntricos que marginalizaram identidades afrodescendentes e indígenas. A população negra, que hoje constitui a maioria demográfica do país, ainda

¹ Este texto é uma análise de alguns trechos da tese de doutorado “SABER, PODER E RESISTÊNCIA: Beleza Negra e a construção identitária de negras/os racializadas/os” de Gilmar Ribeiro Pereira, desenvolvida no PPGLETRAS/CPTL/UFMS; defesa realizada em 27 de agosto 2025.

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo

enfrenta as consequências de um racismo estrutural que naturaliza hierarquias de beleza, cor e cultura.

Por meio de aportes teóricos que dialogam com autores como Deleuze (1974), Foucault (1987) e Gomes (2017), analisa-se a forma como o corpo negro foi historicamente objetificado, seja sob a ótica da exploração laboral, seja sob a sexualização folclórica. A discussão abrange ainda as estratégias de resistência contemporâneas, como movimentos sociais e políticas afirmativas, que buscam ressignificar a estética negra e desafiar os estereótipos enraizados. No entanto, permanecem desafios significativos, como a persistência do mito da democracia racial e a coisificação da imagem do negro na mídia.

Sendo assim, o “Beleza Negra”², no IFMS/Três Lagoas, ao longo dos anos, tem dado sentidos outros para esses/as jovens negros/as, de forma que os seus (des)contínuos são reforçados no cabelo crespo e solto em forma de cachos caracolados, nas vestimentas mais coloridas que dão tons africanizados, no reconhecimento de instrumentos musicais como pandeiro, cavaquinho, berimbau, cuíca, entre outros; em músicas que trazem a identidade negra como o *rap*, o samba e o *hip hop* e no sentir com os pés no chão da dança de roda.

Nesse cenário, essas são resistências de expressões ancestrais afro-brasileira e africana, em uma ecologia de saberes (Souza-Santos, 2016) de sentir e viver no mundo como sujeitos que se descobrem/deslocam, ao reconhecer a importância de estar e para que estão. É o elixir do discurso da beleza negra, discurso esse de desconstrução do branqueamento ou de superação da invenção colonialista de negação da identidade de negritude e racialização. Portanto, o artigo busca apresentar como são possíveis as desconstruções da colonialidade, por meio de produções de transgressões e com críticas aos discursos de colonialismo, permeando para uma decolonialidade de inversão a força enigmática da modernidade (Mota Neto, 2016).

O objetivo central deste estudo é evidenciar a necessidade de descolonizar os padrões estéticos vigentes, propondo uma reflexão sobre a beleza negra como ato político de afirmação identitária. Durante o texto surgirão algumas citações dos/as entrevistados/as, pois são algumas citações coletadas durante a pesquisa do doutorado em Letras, defendido na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) / campus Três Lagoas.

² O uso das iniciais maiúsculas é motivado pelo fato de que o concurso “Beleza Negra” resulta em um grande peso de luta e resistência social, política, econômica e cultural, na ressignificação das relações étnico-raciais.

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo

Portanto, conclui-se que a superação das assimetrias raciais exige não apenas a crítica às estruturas opressoras, mas também a valorização das diferenças como fundamento para uma sociedade verdadeiramente plural e equitativa. Por fim, o desdobramento do artigo será guiado pelos seguintes percursos: iniciar-se-á pela indicação “por um discurso decolonial e antirracista”; no segundo momento o “vento sopra” para “os saberes estético-corpóreos da negritude no Brasil” e na guisa das considerações, apresentaremos os apontamentos finais.

Por um discurso decolonial e antirracista

Nesse item, ancoramos na noção de um discurso decolonial e antirracista que perpassa pela inflexão decolonial, a qual pode contribuir para a reflexão e debate numa epistemologia de decolonialidade, ou seja, de enfrentamento a essas forças de racionalismo instrumental tecnicista que, ao longo dos séculos, tem sido imposta de forma violenta, por uma ciência determinista e de modernidade colonial.

Como base teórica, a partir de autores que integram a investigação da modernidade/colonialidade, que reúne, Anibal Quijano (2008), Boaventura Sousa Santos (2016), João Colares da Mota Neto (2016), Walter D. Mignolo (2017), e, também, por uma epistêmica de autores/as negros/as destacam: Achille Mbembe (2016), Franz Fanon (2005), Nilma Lino Gomes (2017), Sueli Carneiro (2023), entre outros/as. Nesse sentido, a decolonialidade, “chamado de pensamento, giro, prática ou inflexão decolonial” (Mota Neto, 2016, p. 17), é olhar para as margens, onde estão presentes os subalternos e os invisíveis, pois é possibilitar a ecologia do saber como salienta Sousa-Santos (2016).

Para tanto, entendemos que descolonizar é o sentido de compreender outras vozes que estão fora dos benefícios da modernidade, como população negra, pessoas em condições de rua, mulheres negras e mulheres brancas pobres, povos originários, pessoas LGBTQIAP+ e outros/as, que estão nas condições das margens dos excluídos (Moita Lopes, 2002). Por conseguinte, o discente Gama (grifo nosso), que foi mister beleza negra em dois mil de dezessete (2017) no IFMS/Três lagoas, relata: “ao longo do meu ensino médio **eu tentava me encaixar** em vários lugares, procurando algo que **movesse minha vida**, como uma **paixão**, e o concurso Beleza Negra deu **sentindo à minha existência**, o que trazia um vínculo com **quem eu sou!**”.

Nesse sentido, o acolhimento foi a ação pedagógica o Beleza Negra do IFMS/Três Lagoas, que possibilitou ser reconhecido e se reconhecer como jovem negro, dentro de um

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo

espaço escolar, ou seja, a escola, nessas condições, cumpre seu papel social e de intersecção com as relações étnico-raciais, por meio de um corpóreo decolonial.

Assim sendo, quando ele diz “eu tentava me encaixar”, a vida somente faz sentido se fizer parte do coletivo, isto é, o “encaixar” é o pertencimento de existência, bem como, da afirmação de sua negritude. Mas são congruências que foram/são negadas e foram/são substituídas por outros espelhos - o imaginário de outro que é inventado para a construção da subjetividade que não lhe pertence, isto é, introjetada e globalizada em identidades homogêneas, por meio dos dispositivos do saber e poder, da “invenção do outro” (Castro-Gómez, 2005). Supostamente, fazemos parte de um todo, no entanto, estamos diante de uma modernidade e de uma obscura colonialidade de ilusão; todavia, estamos à mercê da explícita exclusão social e étnico-racial.

Nessa contramão, temos o concurso “Beleza Negra” que se torna uma ação pedagógica de intervenção política, cultural e étnico-racial, que situa novos paradigmas de emancipação, de revitalização e de ressignificação, ou seja, fazendo circular uma representativa afro-brasileira e africana que reside em uma integridade de descolonização (Castro-Gómez, 2005). Em conformidade, Mota Neto (2016) menciona que:

(...) é preciso traçar uma genealogia do pensamento decolonial, no sentido de recuperar, na história das populações e culturas colonizadas, estas práticas epistêmicas decoloniais, ou seja, conhecimentos que surgiram como contrapartida e resistência à matriz colonial de poder, desde o início do processo colonizador, mas que foram soterrados pelo eurocentrismo epistemológico (Mota Neto, 2016, p. 19).

Segundo o autor, a genealogia do pensamento decolonial não se restringe somente aos intelectuais, mas está ligada a uma rede decolonial dos movimentos sociais e de novas instituições nas suas configurações do existir, do saber e do poder. O filósofo Fanon (2005) atribui que toda essa tecnologia eurocêntrica imposta aos países colonizados resulta em cicatrizes de um processo,

[...] de opulência europeia que é literalmente escandalosa, pois foi construída sobre as costas dos escravos, alimentou-se do sangue dos escravos, vem em linha direta do solo e do subsolo desse mundo subdesenvolvido. O bem-estar e o progresso da Europa foram construídos com o suor e os cadáveres dos negros, dos árabes, dos índios e dos amarelos (Fanon, 2005, p. 116-117).

Nessa conjuntura, percebemos a barbárie, o genocídio e a escravização que, lentamente, foram anulando suas línguas e suas culturas, aplicado sobre esses subalternos a

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo

força do colonizador branco cristão, desdobramentos da catequização da “missão civilizadora”, símbolos e marcas do eurocentrismo. Por conseguinte, Quijano (2008) formaliza que o:

Eurocentrismo é, aqui, o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes de meados do século XVII, ainda que algumas de suas raízes são sem dúvida mais velhas, ou mesmo antigas, e que nos séculos seguintes se tornou mundialmente hegemônica percorrendo o mesmo fluxo do domínio da Europa burguesa. Sua constituição ocorreu associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu e à experiência e às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América (...). Não se trata, em consequência, de uma categoria que implica toda a história cognoscitiva em toda a Europa, nem na Europa Ocidental em particular. Em outras palavras, não se refere a todos os modos de conhecer de todos os europeus e em todas as épocas, mas a uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo (Quijano, 2008, p. 239).

Embora um pouco extensa, a citação aborda como as práticas de opressão foram e são disseminadas, por meio de dispositivos de saber-poder, muitas das vezes transitando no currículo escolar de forma tradicional/conservadora, que propaga e efetua “ideologias” racistas que se traduzem em práticas discriminatórias no espaço escolar (Gomes, 2007).

Tais disposições tecnológicas consolidam o racismo, nesse sentido, recorrendo a Foucault (2010), o qual pondera que o racismo está vinculado a forma de poder, que se impõem em uma ordem de quem vive e de quem deve morrer. Então, o velho poder de privilégios da branquitude é que dá a ordem de matar; daí o racismo ser uma tecnologia do biopoder de extermínio da população negra, pobre e periférica.

Portanto, tais condições expõem estas populações a vida nua, em consonância com o filósofo Mbembe (2016) em seu ensaio “Necropolítica”, são tecnologias sofisticadas e “máquinas de guerras” de extermínios de bens naturais, de destruição de comunidades de povos originários e quilombolas, de destruições institucionais jurídicas entre outras; ou seja, a modernização da morte (Mbembe, 2016)³, de um *Estado Soberano* que aplica a regulamentação do biopoder.

³ O racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer” (Mbembe, 2016, p.128).

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo

Com relação à necropolítica podemos afirmar que, na história do Brasil, acerca da educabilidade, temos o epistemicídio para com a população afrodescendente, que por conta das desigualdades sociais sofreu/sofre, ainda, com as exclusões e punições de diferentes formas. Com articulações e mediações com sustentação de estruturas, que estão vinculadas, muitas vezes, às instituições, e que definem o poder de diversas maneiras em seus diferentes níveis de privilégios (Carneiro, 2023).

Como já abordamos no início deste capítulo, quando Foucault traz à baila o pressuposto de que a história é descontínua e feita de rupturas, nessas circunstâncias o movimento negro, numa luta de (re)existência, tem exigido do Estado brasileiro uma reparação histórica para com o povo negro, por conta da escravização, conquistando de forma jurídica as ações afirmativas que foram introduzidas no curso da história a obrigatoriedade da história da cultura afro-brasileira e africana. Sendo assim, institucionalizou-se a Lei n.º 10.639/2003, que mais tarde foi alterada pela Lei n.º 11.645/2008.

Nesse sentido, fazendo uso das ações afirmativas e se propondo a realizar uma educação decolonial, nasce no Instituto Federal do Mato do Grosso do Sul – câmpus Três Lagoas (MS) – Brasil, concomitantemente com a consciência negra, o evento da “Beleza Negra”, o qual assume uma estética negra desses corpos vivos (in)conscientes de subjetivação que se atravessam na busca dos seus reconhecimentos identitários, de ressignificação de sujeitos e protagonistas da sua história e de ideologia negada ao longo dos tempos por currículos escolares hegemônicos da branquitude. Assim, os jovens discentes negras/negros são enunciadores da ecologia do corpo e do gosto estético, permitindo sobressair as cores da significação dos seus ancestrais (como protagonista Zumbi dos Palmares e Dandara dos Palmares) em um desfile que os tornam pessoas e tradutores interculturais dessa ecologia dos saberes (Sousa-Santos, 2016).

Para tanto, o decolonial, segundo Mota Neto (2016), em diálogo com Mignolo (2014), é o ressignificar das histórias e das culturas dos povos colonizados; e é por meio destas desobediências epistêmicas decoloniais e de resistência-revolta-revolução, que repudiam o racismo e as injustiças, que então nasce, com o evento da “beleza negra”, um trabalho de tradução intercultural (Sousa-Santos, 2016) na valorização de novas instituições que venham garantir os direitos civis das diferenças, bem como, por uma educação de relações étnico-racial no tocante à beleza negra.

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo

Assim, descolonizar é tornar visível populações que estão à margem do processo excludente e opressor, constituído pela modernidade e transcrito ainda na pós-modernidade. Portanto, pode ocorrer uma “reviravolta decolonial” nas problematizações das narrativas produzidas pelos sujeitos, nesse quesito, da população negra. Ainda assim, entendemos que as estratégias decoloniais não são dispositivos de regulação, que não existem somente para cumprir uma data do calendário pedagógico ou para cumprir a obrigatoriedade das Leis n.º 10.639/2003 e a 11.645/2008, pois, dessa forma, estariam vinculadas aos dispositivos de controle, que são táticas da disciplina do poder e da biopolítica, que se orquestram por meio do Biopoder. Portanto, que a ruptura ocorra por meio do giro decolonial. No item seguinte, procuraremos justificar porque adotamos como coleta das entrevistas a entrevista dialogada.

Os saberes estético-corpóreos da negritude no Brasil

Antes de enfatizar os saberes estético-corpóreos pretendemos abordar e refletir sobre a emblemática das desigualdades sociais e étnico-raciais por serem peculiaridades de produção e regulação do corpo negro, contudo as desigualdades estão em um conjunto do chamamento à miscigenação racial (Gomes, 2017). Pois, bem, as desigualdades sociorraciais procurou, historicamente, colocar ou anular os povos originários e os povos africanos/afrodescendentes, seja nas condições de escravização ou nas condições de expulsão de suas terras e/ou de extermínio de comunidades e de quilombos!

Com relação à população negra que, majoritariamente, hoje “representam 53% da população que vive e constrói no nosso país” (Gomes, 2017, p.19), impôs-se o nefasto racismo, que ainda apresenta suas normalidades, pois as desigualdades sociais e étnico-raciais recaem, também, sobre o corpo negro, uma vez que constitui, historicamente, o gosto estético, perfeito e de monocultura. Nesse olhar, no livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis (1993 [...], p.194), o narrador-personagem aborda:

Quero deixar aqui, entre parênteses, meia dúzia de máximas das muitas que escrevi por esse tempo. São bocejos de enfado; podem servir de epígrafe a discursos sem assunto: [...]. Não se compreende que um botocudo fure o beijo para enfeitá-lo com um pedaço de pau. Esta reflexão é de um joalheiro [...].

Então, qual é o incômodo da citação? O outro não é somente o estranho/diferente, e para normalizá-lo - o Joalheiro é rude com a cultura do “Outro”, ao enfatizar a feiura do botocudo com um pedaço de pau que fura o beijo, então, para o Joalheiro, a beleza está no

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo

adereço de ouro ou prata, dando um valor econômico e, ao mesmo tempo, adota e afirma o preconceito cultural, traços esses de que a não-beleza em “furar o beijo” não segue um padrão ocidental da branquidão, ou seja, decorrentes não somente de definições tecnológicas, mas também de metamorfoses de olhares.

Nessa condição fugaz que pretendo abordar aqui como histórico e linguístico, da construção dos ditos e de que forma foram silenciados os não ditos, sejam, nas suas narrativas ou nas condições de memórias; seja nos descasos com os arquivos ou nas condições estéticas; seja nas despersonalização das identidades ou na descaracterização da língua.

Tal apagamento histórico (de)marcou, para a cultura afro-brasileira/africana e indígenas, imagens que os colocariam em condições de subalternidade, uma vez que o sistema capitalista endossou na modernidade a obscuridade da colonialidade e da escravização (Mota Neto, 2016). Mas, para que tal projeto político-econômico-cristão desse certo, era preciso, nesse ensejo, que os mitos distorcessem a realidade ao classificar a população africana de “Negros e Negras”.

Todavia, a estetização imagiária é construída pelos chamados mitos novos, em consonância com Deleuze (1974) assevera que, o mito é uma estrutura circular, em paradigmas de atuação e de diferentes formas, ou seja, narrativas que fundamentam os efeitos e sempre com alguma pretensão. São narrativas que constituíram outras realidades, ou seja, realidades falsas e desconjunturais no sentido de emergir superiores figurantes aos povos da África, pois faz vir à tona um Outro, não nas condições de seres humanos e, sim, com uma perda de existência moral para uma contemplação da existência estética de enunciados e de signos de dessemelhanças. Por conseguinte, Deleuze (1974, p.260) afirma que:

Trata-se de selecionar os pretendentes, distinguindo as boas e as más cópias ou antes as cópias sempre bem fundadas e os simulacros sempre submersos na dessemelhanças. Trata-se de assegurar o triunfo das cópias sobre os simulacros, de recalcar os simulacros, de mantê-los encadeados no fundo de impedi-los de subir à superfície e de se “insinuar” por toda parte.

Assim, fundamentou-se a cosmologia da civilização ocidental de que a cor preta é um simulacro sem semelhança alguma, pois foi inventada e tal invenção lhe impõe os signos da mancha física, da moral, da morte, da corrupção, da preguiça, das indolências, entre outras, enquanto as cópias “boas” se dispõem a serem o “Saber” e o modelo, demarcando

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo

um sacrilégio de que a cor branca são os gestos da vida e da pureza, então, não é à toa que a branquitude tornou a estética do perfeito e do ideal a ser espelhado como outro (exterior), e não como o Outro (interior).

Em consonância com Nascimento (2019, p.8), “é preciso entender, portanto, o signo “negro” como um conceito novo, criado pela branquitude e não como um conceito natural”. Entende-se que foi uma imposição do capitalismo e da colonialidade, o transcendente da modernidade, ou seja, foram populações que se tornaram reféns das escravizações e, contudo, tiveram que abrir mão de sua língua para criarem meios de defesa para sobreviverem às duras condições do trabalho escravocrata. Cabe, ainda, reforçar que a língua que resistiu foi a do colonizador como o interlocutor, portanto, colocou a fala do negro na invisibilidade, pois teve que se adaptar aos novos enunciados da linguagem (Nascimento, 2019).

À luz desse raciocínio, as raízes do racismo têm apagado a identidade da população negra no Brasil, uma vez que boa parte de suas memórias se perderam ao longo da história, e o sistema da modernidade os levou a olhar para as “cópias perfeitas”, nesse quesito, o branco e, assim, constituírem a estética de aproximação ao branco, como alisar ou raspar o cabelo; vestir-se como branco; falar como branco; escutar músicas de branco e absorver conteúdos escolares que abordam as histórias dos vencedores e carrascos/as brancos/as.

Em se tratando do corpo negro/a, ainda é visto de forma pejorativa e rotulados como exóticos/eróticos, ou, são assujeitados em uma linguagem de significações que florescem com uma folclorização histórica, como a mulher negra para produzir e mulata para saciar-se, ou melhor, o corpo de africanos e de africanas com profundas “cicatrices” desse imaginário depreciativo. Nesse sentido, o corpo é “mutilado”, isto é, suprimido a uma outra realidade da tecnologia política, pois o corpo torna-se força produtiva e útil ao processo de significações dóceis e adestrados para o poder (Foucault, 1987).

Para Courtine (2013, p.11):

o corpo é também diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder operam sobre ele uma influência imediata; elas investem contra ele, o marcam, o adestram, o supliciam, o constroem a trabalhos, o obrigam a cerimônias, cobram dele signos.

São situações que vão além das marcas traçadas no corpo pelo racismo, mas que (de)marcam a autorrejeição, que o reduz a materialidade negra no contexto da inferiorização racial (Gomes, 2017), definindo que o corpo ideal é da branquitude, ou seja, uma

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo

monocultura do corpo, sendo censurado e desfigurado (Foucault, 2013). Todavia, nota-se como tais projeções, ainda estão presentes nos dias de hoje. Entretanto, pode se dizer que houve avanços, mas, tem muito ainda a se fazer para minimizar o racismo institucional e estrutural.

Em momentos atuais, a estética-corpórea tem ganhado tonalidade na referida beleza negra, como uma possível revitalização e ressignificação das relações étnico-raciais. Tais políticas são resistências e lutas do movimento negro que, por meio do Estado conseguiram incorporar políticas públicas afirmativas de visibilidade, bem como, de alcance e de efeitos colaterais positivos, para com afirmação identitária e de subjetivação dos sujeitos/as negras/os em um processo histórico de atravessamento a outros (Braga, 2021).

Braga (2021) ainda acrescenta que “os conceitos de beleza negra – igualmente rarefeitos – estão respaldados pela história, mas também atravessados pelos discursos da mídia, da moda, do mercado, da política, do consumo, da globalização” (Braga, 2021, p. 207). Aqui podemos destacar a mudança que houve na emissora Rede Globo (2017) com aparição do símbolo “mulata⁴ Globeleza”⁵, quando transmitia o corpo nu pintado em várias cores, para anunciar, comercialmente, a chegada do carnaval.

Contudo, agora traz um corpo vestido com as cores da diversidade cultural, ou, tal harmonização, ainda, reveste e reforça o mito da democracia racial. Ou ainda, de alguma forma denota/conota a cor do pecado (Braga, 2021). O corpo da mulher negra anuncia o símbolo da colonialidade, da “mulher negra para trabalhar”, enquanto, “mulher mulata para fornicar”, paira puramente sobre este corpo um dispositivo de racialidade de exposição regulada. A objetivação sexista imposta por meio de uma festividade cultural massificada que é o carnaval, num tom de pele de exploração sexual, ou da espetacularização do corpo.

Nesse sentido, o corpo da mulher negra é encenado como algo avantajado, sensual e desejado como uma obra de arte, exposta a teatralização de uma folia carnavalesca (Braga, 2021). Todavia, essa objetivação das silhuetas do corpo faz com que sejam símbolos coisificados em perspectiva de erotismo e luxúria. Porém, não podemos esquecer do

⁴ A etimologia do termo "mulata" remete à palavra "mula" – animal resultante do cruzamento entre espécies distintas (jumento e égua), frequentemente estéril. Essa origem revela a perspectiva desumanizante presente no imaginário da escravização, que associava a mestiçagem a uma condição intermediária e inferior. A expressão reforçava uma hierarquia racial de branqueamento superior e a mulher negra é vista como algo animalesco, sexualizada e erotizado (Santos, 1981).

⁵ GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Brasil: 12fev2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vestir-globeleza-deixa-nu-o-mito-da-democracia-racial/> - Acesso em: 30/01/2024 – hora 14h:38min.

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo

nós/ Sabemos agora, nem tudo que é bom vem de fora/ É a nossa canção pelas ruas e bares, que/ Nos traz a razão, lembrando Palmares”⁷.

Nesse sentido, o idealizador do projeto “Beleza Negra”, professor Preto Tommaselli, declara, “[...] esse elemento **estético** também me provocou **repensar** sobre mim mesmo. Eu pensei que eu precisava: ... **africanizar** e tornar mais negra a minha própria identidade visual, porque eu percebi que eu era o polo de representação [...] estética para os/ alunos”. Logo, a inquietude do professor Preto Tommaselli é fazer emergir a sua subjetividade que, num determinado momento, foi suprimida por um outro rosto que não fosse o dele, e se permitir a romper com essas estruturas do espelho do outro, é repensar a sua subjetividade, não somente para si, mas que esse atravessamento seja para o outro, em condições estéticas em um rosto que imaginaria ser (Nogueira, 2021).

O sentido da pele/raça é exaltado em condições de vida e de que o corpo negro está além de significações exóticas e eróticas, isto é, a representativa da negritude é estética de um devir negro/a, que perpassa por uma africanização de semelhanças do que somente diferenças. Assim, concomitantemente com a semana da consciência negra, tem-se a ação pedagógica do concurso da “Beleza Negra” no IFMS/Três Lagoas, que tem despertado o aquilombar da resistência negra, um sentido de linguagem dos saberes estético-corpóreos. Portanto, é isso que deve ser retomado, as festividades que interseccionam a comunidade negra, ao fazer dessas relações étnico-raciais possibilidades representatividade descolonizada e de políticas antirracistas.

E por fim, as fotos (1) – **o desfile** e duas (2) foto 2 – **A premiação final (Miss e Mister) e foto 3 - A celebração da comunidade**, fazem parte do arquivo do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul/campus Três Lagoas e do projeto Malungos de Zumbi e Dandara, que são de acesso livre no próprio site/facebook⁸ da referida instituição. E seu uso são permitidas amparadas na declaração solicitação de autorização de pesquisa no IFMS/campus Três Lagoas, presente no (Processo nº: 23347.011617.2022-59).⁹

⁷ LETRAS. Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jorge-aragao/69362/>. Acesso em: 30/01/2024.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/Malungosdezumbiedandara/> acesso em: 20/07/2023.

⁹ Disponível em: decisão 35/2022 - DIRPE/DIREP/PROPI/RT/IFMS - SUAP: Sistema Unificado de Administração Pública. Acesso em: 31/07/2023.

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo



Foto 2 – A premiação final (Miss e Mister).

Fonte: <https://www.facebook.com/Malungosdezumbiedandara/photos/a.1641439609326473/1641468922656875>



Foto 3- A celebração da comunidade

Fonte: <https://www.facebook.com/Malungosdezumbiedandara/photos/a.1641439609326473/1641468922656875>

À guisa das considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho evidenciou como os saberes estético-corpóreos da negritude no Brasil, estão profundamente imbricados em relações de poder historicamente constituídas, que relegaram o corpo negro a uma posição de subalternidade no imaginário social brasileiro. Os processos de colonização e escravidão não apenas impuseram violências físicas e simbólicas, mas também estabeleceram um regime estético eurocêntrico que persiste em suas formas contemporâneas de exclusão. Como demonstrado, a naturalização desse padrão hegemônico de beleza opera como um dispositivo de manutenção das hierarquias raciais, reforçando estereótipos que oscilam entre a animalização e a exotização dos corpos negros.

Contudo, o estudo também destacou as estratégias de resistência desenvolvidas por movimentos sociais e iniciativas acadêmicas que buscam desconstruir esses paradigmas opressores. Projetos como o concurso da "Beleza Negra" no IFMS/campus- Três Lagoas e as transformações nas representações midiáticas apontam para a possibilidade de ressignificação da estética afro-brasileira como ato político de afirmação identitária. Essas iniciativas demonstram que a reivindicação por visibilidade e reconhecimento passa necessariamente pela descolonização dos padrões de beleza e pelo questionamento das estruturas que sustentam o racismo institucional.

Nesse sentido, conclui-se que a superação das desigualdades estético-corpóreas exige um compromisso coletivo com a valorização da diversidade étnico-racial. Isso implica não apenas a implementação de políticas afirmativas, mas também a transformação dos imaginários sociais através da educação antirracista e da ampliação de narrativas que contemplem a pluralidade de experiências negras. O caminho para uma sociedade verdadeiramente equitativa pressupõe, portanto, o reconhecimento da beleza negra em sua potência transformadora, capaz de subverter as lógicas coloniais que ainda permeiam nossas concepções de corpo, identidade e pertencimento.

Por fim, este estudo reforça a importância de pesquisas futuras que aprofundem a discussão sobre a interseccionalidade entre raça, gênero e classe nos processos de construção estética, contribuindo para a desnaturalização dos privilégios brancos e para a

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo

consolidação de um paradigma social pautado no respeito às diferenças e na justiça epistêmica.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

BRAGA, Amanda Batista. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília. 2004.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação / **Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. **Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”**. Brasília, 2008.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racia-lidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. 1ªed – Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro **In. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EduFSCar, 2009.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**; II ed; tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; as heterotopias**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 edições, 2013.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **Vestir Globeleza deixa nu o mito da democracia racial**. 12 fev. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vestir-globeleza-deixa-nu-o-mito-da-democracia-racial/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda**. Agência de Notícias, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 30 jan. 2024.

LETRAS. Belo Horizonte, MG. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jorge-aragao/69362/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica e consciência negra: uma análise crítica da vida e morte no poder soberano**. Arte & Ensaios: revista do ppgav/eba/ufrj. N.32, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ac/article/view/8993>. Acesso em 26 jun. 2025.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade o lado mais escuro da modernidade**. Tradução de Marco Oliveira. São Paulo: **revista brasileira de ciências sociais – VOL. 32 N° 94**, 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma pedagogia na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Curitiba: CRV, 2016.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico é sobre palavras?** Língu@ Nostr@ - Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 3-15, jan./jul. 2021.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

Artigo Completo

SANTOS, Boaventura de Sousa. Tradução intercultural: Diferir e partilhar con passionalità. In Maria Paula Meneses, João Arriscado Nunes, Carlos Lema Añón, Antoni Aguiló Bonet and Nilma Lino Gomes. **Construindo as Epistemologias do Sul Para um pensamento alternativo de alternativas**. CLACSO, 2016.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SKLIAR, Carlos. **A inclusão que é "nossa" e a diferença que é do "outro"**. In: RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação**. São Paulo: Summus, 2006.